

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



A RELAÇÃO DOS JOVENS DO TERREIRO DE CANDOMBLÉ PALÁCIO DE YEMANJÁ COM A SOCIEDADE LIMOEIRENSE ENTRE 2016 E 2018

Maria Gabrielle da Silva Paz¹,

Maria Rafaelle da Silva Paz².

A cultura negra chega ao Brasil junto com os escravizados que foram trazidos da África de maneira brutal e com um deslocamento desumano e cruel. O regime escravista é uma marcante característica do período colonial e imperialista e que marca a história do país, assim como as práticas racistas e as revoltas escravistas, os escravos não aceitavam a situação em que lhes foi colocada, assim eles passaram a ter que sobreviver nas terras dos brancos, para tal foi necessário que desenvolvessem mecanismos de resistência no seu cotidiano.

O novo mundo oferecia uma realidade diferente do que os africanos estavam acostumados, para manter suas tradições, diante das condições de vida que os mesmos foram colocados, eles precisavam inovar, além de passar as suas tradições de maneira oral para os mais jovens que nasceram longe de sua matriz. Dentro dessas inovações estavam a formação das comunidades negras no território brasileiro, pois os indivíduos trazidos da África nem sempre faziam parte do mesmo grupo étnico, assim os africanos tiveram que se permitirem ter relações sociais com pessoas de fora de seu grupo para poderem sobreviver ao regime escravista, mantendo parte das que trouxeram e se adequando a partir do contato que tiveram com os demais grupos étnicos que se faziam presentes no território correspondente ao Brasil.

Os africanos deram ao catolicismo toques das suas tradições, que permitiram que essa manifestação religiosa se assemelhasse as manifestações afro-brasileiras, com danças, festas, muitas bebidas e comidas, vestimentas elaboradas para pagar as

¹ Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. mariagabriellepaz@gmail.com.

² Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. mariarafaellepaz@gmail.com.

promessas feitas aos santos e santas, além de missas que tinham o mesmo objetivo de pagar promessas, fazendo com que se tivesse uma certa interação com os santos e santas, tal como as interações com os orixás. Isso fez com que muitos africanos quisessem se aproximar do catolicismo sem serem forçados.

A religiosidade afro-brasileira vai além das práticas religiosas em si, como orações e cultos, ela movimenta e se faz presentes nas mais diversas áreas, como na culinária, nas danças, vestimentas, vocabulário. Porém não eram consideradas como religiões pela elite, que por vezes toleravam os batuques para que os escravizados não se voltassem contra eles. As religiões afro-brasileiras eram vistas como ilegais, demoníacas, e, por vezes, intoleráveis, os afro-brasileiros não tinham permissão de cultivar sua religiosidade, uma vez que a religião oficial do império, de acordo com a constituição de 1824, era o catolicismo.

Após muitas lutas, os escravizados conquistam sua abolição, mas isso aconteceu de forma lenta e gradual. Antes da abolição, existiam meios de se conquistar a liberdade de maneira legal. Os que conseguiram conquista a liberdade antes do abolicionismo, voltara-se para a zona rural, com o objetivo de se distanciar da realidade da escravidão, levando a cultura afro-brasileira para as zonas rurais, além de ocupar profissões importantes.

Nas cidades, os libertos seguiam insatisfeitos com a condição de vida que lhe fora imposta, passavam necessidades básicas, o que os incentivou a reivindicar junto os movimentos sociais por melhores condições, além de pedirem independência e, após a independência do Brasil, participação na política e seus direitos enquanto cidadãos. Dando origem a uma serie de revoltas em todo o país, que pediam melhores condições para os libertos e a abolição para os escravizados.

Em Pernambuco, assim como nos demais estados do país, a cultura afro-brasileira se fazia presente nos festejos carnavalescos, que são tradição do estado até a atualidade, com os grupos de maracatu, que mesmo com a introdução das agremiações carnavalescas, trazida da Europa, não desapareceram, se fazendo presentes até a atualidade. O maracatu é uma das representações mais fortes da influência da cultura afro-brasileira na formação da cultura pernambucana,

encontramos o maracatu de forma mais forte onde estão localizados os engenhos de açúcar.

Além do maracatu, há outras manifestações culturais típicas das cidades pernambucanas que contam com a influência afro-brasileira. Na cidade de Limoeiro, por exemplo, existe a influência negra no coco de roda, na ciranda, no bumba meu boi, que são patrimônios da cidade. Além da influência nas formas de se vestir, nos esportes, na culinária, nas músicas e, principalmente, na religiosidade do povo limoeirense, assim como a cultura afro também influencia a cultura brasileira de forma geral.

Assim como na maioria das cidades brasileiras, a cidade de Limoeiro, no estado de Pernambuco, tem sua origem relacionada com a presença do catolicismo na região, como aborda Agnaldo Kupper:

“No Brasil colonial, o catolicismo foi oficial, devendo todo habitante do Brasil ser batizado, casar-se de acordo com o rito estabelecido pela Igreja, bem como comungar e confessar. Franciscanos, beneditinos, oratorianos, capuchinos e jesuítas deviam dedicar-se basicamente à conversão dos índios à fé católica.”
(KUPPER, 2013, p.122)

A origem de Limoeiro-PE possui duas vertentes, sendo uma delas oficial e outra presente no imaginário da população, diante da sua relação com a Igreja Católica, ambas tendo o catolicismo como um ator primordial em seu decorrer. A cidade se constrói em torno na Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, firmando assim a importância da religião católica no meio social desenvolvido a partir de então.

A história oficial da cidade de Limoeiro-PE³, que recebe esse nome pela quantidade de limoeiros na região, apresenta a sua origem como consequência das missões religiosas ligadas à Igreja Católica, segundo os documentos e divulgados pela prefeitura da cidade. Onde o Padre Ponciano Coelho foi o responsável pela catequização dos indígenas presentes na região, considerados pertencentes à etnia Tupi, o mesmo cria uma capela em uma região próxima uma fazenda, onde hoje se localiza a comunidade de Poço do Pau, após fazer desaparecer a imagem de uma santa da fazenda.

³ A história presente no site oficial da Prefeitura de Limoeiro.

A lenda⁴ está relacionada ao sumiço da imagem da santa que pertencia ao dono da fazenda, segundo a tradição popular, a santa desaparecia diversas vezes da capela construída pelo dono da fazenda para a realização das missas. Porém, a imagem da santa sempre que sumia, aparecia embaixo dos limoeiros, próximo ao aldeamento, tendo o fato interpretado como um sinal divino de onde uma igreja deveria ser erguida e assim se fez.

A história oficial se intercala com a narrativa, a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação é um marco histórico da cidade de Limoeiro, mas é também uma representação de como a religião católica é consistente desde o início da história da cidade. O pensamento por trás da criação da igreja também é um fato que marca essa pertinência, além de reafirmar como o catolicismo era visto com superioridade em relação às demais manifestações religiosas.

Toda vida política da cidade também estava correlacionada com a religião, assim como a maioria das cidades do interior, existia o coronelismo⁵ em Limoeiro. A figura do Coronel, em especial Francisco Heráclio do Rêgo⁶, era associada à de um salvador e tal pensamento era enaltecido pela igreja católica, sendo o padre um mensageiro de Deus. O temor ao coronel era algo forte na região, como relatam as mais diversas histórias sobre a autoridade política presente em suas ações e falas.

A ideia de salvador é intensificada no meio político pelos boletins que eram distribuídos como panfletos ou que eram publicados nos jornais de Pernambuco:

“Os boletins eram textos impressos numa única página e distribuídos de maneira avulsa, principalmente em períodos eleitorais. Eram distribuídos tanto por Francisco Heráclio em seus contatos políticos como por seus colaboradores ou cabos eleitorais. Eram, com constância, também publicados na imprensa de Pernambuco” (VILELA, 2008, p. 54)

⁴ A Lenda também pode ser encontrada no site oficial da Prefeitura de Limoeiro, no imaginário popular e também é o assunto trabalhado em uma produção cinematográfica que foi fruto de uma parceria entre o Galpão das Artes, espaço cultural em Limoeiro, e com o Centro de Cultura Luiz Freire, a TV Viva.

⁵ Fenômeno político brasileiro que apresenta a figura de um líder político não oficial que interfere diretamente nas decisões políticas e possui um certo respeito por todos do município que ele mora. Muitos autores brasileiros analisam o fenômeno, como Victor Nunes Leal, Márcio Ananias Ferreira Vilela e André Heráclito do Rêgo.

⁶ O coronel que viveu em Limoeiro e era o responsável pela administração da cidade, e é descrito nos textos como um ser um poderoso chefe político, muito versátil em suas características, conseguindo manter um diálogo com pessoas de diversas classes sociais e níveis de escolaridade, mesmo não tendo muita formação acadêmica.

A religiosidade do Coronel Chico também se fazia presente nos boletins, ao utilizar a importância do pai do Coronel em sua carreira política, fazendo uma referência, utilizando a expressão:

“em nome do pai” que “assemelha-se simbolicamente ao primeiro componente da Santíssima Trindade, que também é representado pela figura paterna.” (VILELA, 2008, p. 64).

Foi durante o mesmo período que temos a iniciação das religiões de matrizes africanas presentes no território limoeirense, assim como as culturas afro-brasileiras. Mesmo compreendendo a existências dessas manifestações, não existem vestígios da aceitação e liberdade para a execução dos mesmos, levando em consideração a utilização de expressões comuns dentro da Igreja Católica para designar as lideranças religiosas de matrizes africanas. “Padrinho” e “madrinha” eram as expressões mais comuns para exercer a função citada, ser mãe ou pai de santo estava totalmente contra a boa vivência em comunidade, diante da relação ao diabo e inferno, figuras exclusivas do cristianismo.

Madrinha do Carmo, apelido da Ialorixá e Juremeira⁷ Maria do Carmo de Souza, como relata o babalorixá Pai Maciel de Yemanjá em entrevista, é um exemplo desse meio de resistência. Sendo ela a responsável por introduzir em Limoeiro-PE o culto ao Orixá, após ter se iniciado na religião no ano de 1938 na cidade de Olinda-PE, e, em 1952, dá origem a tradição Xambá na cidade com a inauguração do terreiro Ilê Axé Ogum Oxóssi, como o primeiro terreiro de Limoeiro⁸. O marco e a figura de Madrinha do Carmo é também um reflexo de como a religiosidade popular estava voltada ao cristianismo, levando em consideração o período que as práticas chegam na região, ainda temendo ao uso de nomenclaturas que as afirmassem, além de afirmar a importância que a religião possui em sua vivência e construção de identidade.

O Palácio de Yemanjá é, atualmente, a casa Xambá⁹ Matriz em Limoeiro-PE e única casa que mantém e preserva as tradições trazidas pela da Ialorixá e Juremeira Maria do Carmo de Souza. Falar sobre a origem do Palácio de Yemanjá é falar sobre a

⁷ O culto à Jurema já existia na Cidade, enquanto herança dos povos indígenas.

⁸ Dados apresentados no Histórico e Certificado do Palácio de Yemanjá, como a matriz da tradição Xambá em Limoeiro-PE.

⁹ Casa onde as tradições Xambá são vivenciadas pelos membros da Religião, seguindo os costumes dos escravizados da região localizada ao norte dos Ashanti e limites da Nigéria com Camarões, nos montes Adamaua, no vale do rio Benué, trazidas para Pernambuco pelo babalorixá Artur Rosendo Pereira, que deixa Maceió para fugir da repressão sofrida pelos seguidores das religiões afro-brasileiras.

história de Pai Maciel, que nos seus relatos apresenta que as ações de relacionar o culto aos Orixás com as vivências cristãs católicas se perpetuaram muito no terreiro de Madrinha do Carmo e cita sua experiência. Pai Maciel foi batizado na Igreja Católica, tendo como padrinhos, pessoas que vivenciavam o culto ao Orixá, tal realidade era é uma comprovação de que se fazia necessário o encobrimento de maneira superficial por conta do estranhamento e do julgamento da sociedade como um todo.

Pai Maciel apresenta as suas vivências dentro da casa de Madrinha Do Carmo, sendo iniciado com sua primeira obrigação em 1990, com apenas cinco anos de idade. Com pais e padrinhos candomblecistas, Pai Maciel tem toda a sua história dentro da religião, o que facilitou a sua entrada na religião e, segundo ele, a sua própria concepção foi anunciada pelo mestre do seu pai para seguir os caminhos do seu pai. O palácio de Yemanjá foi fundado por Pai Maciel, no ano de 2000, com a mudança da tradição da casa de Madrinha do Carmo quando a mesma adoece, entre outros assuntos que já haviam despertado ao interesse de fundar a sua própria casa de culto aos Orixás.

Os incentivos do seu pai foram fundamentais para a fundação do Palácio de Yemanjá, que o ensinou as lições sobre o sacerdócio enquanto candomblecista e juremeiro. Sendo o palácio de Yemanjá, a casa que segue como base as tradições de Madrinha Do Carmo, enquanto a precursora da tradição Xambá em Limoeiro-PE, e do seu pai conhecido popularmente como Raimundo máscara de ferro¹⁰ Raimundo Viramundo¹¹. Mesmo aprendendo com seu pai como ser um sacerdote, Pai Maciel enaltece a importância do dom para se tornar um sacerdote e relata que já nasceu com esse dom, a partir do anúncio do mestre.

O palácio surge em uma das casas que a família de Pai Maciel morou, após uma tentativa que não fluiu uns anos antes, quando Pai Maciel tinha 12 anos com um toque de Jurema, marcando assim o início aos cultos e ritos no Palácio que ainda passou por algumas mudanças na localização até se estabelecer na Zona Rural do município, no Sítio Areias do Cumbe. Durante as mudanças, ocorreram diversos casos de intolerância religiosa e preconceito dos vizinhos de onde o Palácio funcionou, tendo policiais que interrompiam os cultos, por denúncias dos vizinhos e audiência, após ser processado

¹⁰ Apelido por conta da sua profissão, comum no meio social de Limoeiro.

¹¹ Apelido dentro da religião.

por perturbação de sossego. Além da interferência dos professores no período escolar, que o induziram a deixar a sua religião por seu algo ruim na visão dos docentes, que só fazia mal aos que estavam ao redor dele por ele estar cultuando ao demônio, buscando em outras religiões o sentido de sua existência.

Além dos casos citados, as interferências na educação dos candomblecistas e juremeiros do Palácio de Yemanjá por causa das vestimentas das obrigações nos ambientes escolares, também eram episódios frequentes que necessitaram das intervenções do babalorixá para saná-los. E tudo se intensifica por não haver um apoio dos poderes públicos em relação as práticas das religiões de matrizes africanas no município de Limoeiro e no combate aos atos intolerantes às mesmas, onde os líderes políticos só procuram saber das religiões nos períodos de campanha política.

A maioria dos representantes do município de Limoeiro se identificam como cristãos, ou seja, não existe representatividade dos umbandistas, candomblecistas e juremeiros na Câmara nem na Prefeitura, levando esses grupos ao esquecimento por parte desses líderes. E fazendo que a política seja para o benefício apenas para uma parcela da sociedade, mesmo com uma quantidade considerável de terreiros no município, como uma seqüela do período coronelista envolto no cristianismo.

Referência

KUPPER, Agnaldo. **Catolicismo no Brasil:** uma trajetória de ganhos e perdas/ Catholicism in Brazil: a loosing and winning trajectory. Revista Terra e Cultura, n. 56, ano 29. Jan/jun. 2013.

IGLESIAS, Marcus. **Território da ancestralidade africana, Nação Xambá é patrimônio vivo de Pernambuco.** Postado em: Cultura popular e artesanato. Patrimônio Cultural. 03 dez.2018. Disponível em: <<http://www.cultura.pe.gov.br/canal/patrimonio/territorio-da-ancestralidade-africana-nacao-xamba-e-patrimonio-vivo-de-pernambuco/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

LOPES, Nei. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.** São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA, Maciel. **Entrevista 1.** [jun. 2021]. Entrevistadores: Maria Gabrielle da Silva Paz e Maria Rafaelle da Silva Paz. 2021. 1 arquivo. mp3. (112 min.).